



**Imagens de si de  
líderes de três  
gerações da  
torcida  
organizada Máfia  
Azul no discurso  
sobre violência**

**Thiago Madureira  
Alvarenga<sup>1</sup>**

**Images of yourself of  
leaders of three  
generations of the  
Máfia Azul in the  
discourse on violence**

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos de Linguagens do Cefet-MG. Repórter do jornal Estado de Minas. Filiado ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74022>

**Resumo:**

Líderes da Máfia Azul de três gerações: o fundador nos idos 1977 Eder Toscanini, o ítalo-francês Jean Marc, que a presidiu no início dos anos 2000, e o jovem mineiro Daniel Sales, atual mandatário. Embora cada um tenha vivido um momento distinto à frente da organizada, podemos identificar um *ethos* em comum desses torcedores organizados no discurso sobre violência? Para isso, utilizamos conceitos teórico-metodológicos da Análise do Discurso. Analisamos as narrativas dos torcedores sob a lente de três conceitos: imaginários sociodiscursivos, efeito patêmico e subjetivemas. Observamos que esses torcedores demonstram *ethé* de virilidade e agressividade.

**Palavras-chave:** Torcida organizada; *Ethos*; Máfia Azul; Violência

**Abstract:**

Leaders of Máfia Azul from three generations: the founder in 1977 Eder Toscanini, the Italian-french Jean Marc, one of the first members of the organization who presided over it in the early 2000s, and the young Daniel Sales, the current president. Although each has lived a distinct moment ahead of the organized, can we identify a common *ethos* in the discourse on violence? For this, we use theoretical-methodological concepts of Discourse Analysis. We analyze the narratives of the organized fans under the lens of three concepts: sociodiscursive imaginaries, pathetic effect and subjectivemas. We observe that these fans demonstrate *ethé* of virility and aggressiveness.

**Key words:** Organized fan groups; Máfia Azul; *Ethos*; Violence

## Introdução

Eles pulam, cantam, vibram, choram, brigam. São responsáveis por belas festas nas arquibancadas, com faixas, bandeiras, pó de arroz e sinalizadores. Mas também, por ação de determinados grupos, protagonizam atos de violência em torno do futebol, assustando a sociedade. É praticamente impossível ir a uma partida de futebol de um time grande e não notar os torcedores organizados, que despertam os mais diversos sentimentos: da admiração, pela doação ao clube de coração, ao medo, pela forma agressiva com que alguns deles se comportam.

Pesquisas acerca desses grupos de torcedores começaram a ganhar força no Brasil a partir da década de 1990. De acordo com Pimenta (1997, p. 65) há “uma unanimidade entre os estudiosos em apontar a década de 1940 como marco inicial desses movimentos”. Formadas por grupos pequenos, as primeiras organizadas tinham um sentido fraternal, com grande identificação entre os membros. Nesse período, a relação entre as torcidas organizadas era marcada por um clima amistoso. “Nos primeiros anos, algumas vezes, a torcida (agrupamento relativamente pequeno à época) do time que ganhava a partida pagava o jantar à torcida do time derrotado”. (MURAD, 2017, p.111).

Os pesquisadores (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997) estabelecem o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970 como ponto de inflexão na história das torcidas. Esse período marca o surgimento de uma série de organizadas - dentre elas a Máfia Azul - que vai assumir o protagonismo nas arquibancadas. Com essa ascensão, constata-se uma alteração no comportamento e no *status* do torcedor organizado, que deixa a condição de coadjuvante e passa a dividir com jogadores e dirigentes o protagonismo do espetáculo, com direito a manchetes nos jornais por atos de violência.

[As torcidas organizadas] Inauguraram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim, num determinado estilo de vida. Estas agremiações torcedoras passam a ter influências na escolha e na demissão de jogadores, técnicos e dirigentes. Chegam às páginas dos jornais responsabilizadas por inúmeros atos de vandalismo e incidentes graves. Participam, muitas delas, dos espetáculos carnavalescos oficiais da cidade, transformaram-se em grandes blocos e escolas de samba, constroem patrimônio e arregimentam milhares de sócios em torno de suas práticas (TOLEDO, 1996, p. 33).

Embora haja vasto material sobre as torcidas organizadas pelas lentes da Antropologia e da Sociologia, no que se refere a estudos voltados à análise do discurso, não são numerosos os registros nos periódicos do Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), provando que ainda há muito a se caminhar neste sentido e

ressaltando a relevância deste artigo<sup>1</sup>. Além disso, acreditamos que esta pesquisa tem um valor social simbólico em si: dar voz aos torcedores organizados. Como evidencia Lopes (2012), os torcedores organizados não são fonte de informação nem de reflexão na mídia, gerando assim uma dificuldade de encontrar em outro espaço o discurso dos organizados.

Esses torcedores praticamente não possuem voz na mídia nem em outros lugares onde é realizado o debate público em torno das questões relativas ao futebol profissional. Não é difícil inferir que o descrédito estabelecido em relação a eles subtrai seu “direito à palavra”: faz dele uma fonte de informação e reflexão ilegítima e, por isso, não consultada (LOPES 2012, p. 318)

Para realização deste trabalho, selecionamos líderes de três gerações da Máfia Azul. Esta associação foi escolhida por sua relevância, pois se trata da maior organizada ligada ao Cruzeiro - clube mineiro com maior torcida no Brasil, segundo pesquisa do Datafolha<sup>2</sup> - e uma das mais tradicionais do estado de Minas Gerais, completados 40 anos no dia 22 de julho de 2017 (Praça, Silva, 2009).

Neste artigo, tentaremos contribuir para engrossar as publicações sobre o fenômeno das organizadas ao observar como os líderes de três momentos distintos da torcida Máfia Azul projetam as imagens de si no discurso, identificando possíveis *ethé* que promovam a junção das gerações, além de colaborar para demonstrar em que medida alguns estereótipos sociais sobre os torcedores organizados se confirmam nos depoimentos.

### Os torcedores organizados entrevistados

Para que o discurso dos torcedores organizados pudesse ser estudado, foi preciso ir a campo para coletar os dados por meio de entrevistas. Na construção do corpus, o método a ser utilizado será a pesquisa qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa é profunda, rica em pormenores descritivos e de complexo tratamento estatístico, sendo assim ideal para a análise discursiva. Adotamos um modelo semiestruturado de questionário por entender que o diálogo com os torcedores organizados precisa de um direcionamento inicial, mas sem se prender a perguntas fixas.

Nas entrevistas realizadas, os torcedores narram momentos da vida. São as

---

<sup>1</sup> Por meio da pesquisa, chegamos ao livro “*Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no Brasil*” (Cultura Acadêmica), um dos trabalhos que analisam o discurso e que se aproximam da proposta deste artigo.

<sup>2</sup> Pesquisa realizada pelo Datafolha em 2018. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/08/01/time-de-preferencia-dos-brasileiros.pdf> Acesso em: 20 de maio de 2018.

memórias da arquibancada, os sentimentos, as percepções e opiniões sobre a vivência na pele de um organizado. Arfuch (2010) coloca a narração como uma forma de estruturação da vida e, conseqüentemente, da identidade, sendo também expressão da interioridade e afirmação de si mesmo.

Comporão o corpus deste artigo relatos de três torcedores organizados icônicos da Máfia Azul de gerações e experiências de vida distintas. As entrevistas são de Eder Toscanini, Jean Marc Gougeuil e Daniel Gomes Sales. Os três nomes são de muito prestígio dentro da organizada e foram marcantes em períodos diferentes, sendo possível, assim, observar o discurso de forma diacrônica.

O surgimento da Máfia Azul ocorre no momento em que desabrocham as grandes organizadas do país. Em 1977, Eder Toscanini, então com 15 anos, propôs ao irmão mais velho, Henri, 16, a criação da Máfia Azul. A fundação ocorreu porque Tosca, como é conhecido, queria uma torcida para chamar de sua e sentiu a necessidade de uma organização para abrigar os amigos em uma período de brigas de bairros entre adolescentes em Belo Horizonte<sup>3</sup>. Toscanini foi o principal nome da organizada até meados dos anos 1980, quando se afastou da organizada, voltando nos anos 1990. Casado e com filhos, deixou a organizada nos anos 2000.

Já o ítalo-francês Jean Marc Gougeuil<sup>4</sup>, ou simplesmente Francês, é conhecido por muitos cruzeirenses que frequentaram o Mineirão nas últimas décadas. Nascido em 1962, Jean Marc é natural de Turim, cidade ao norte da Itália. Mas ele não se sente um italiano. Ainda jovem, mudou-se para os arredores de Paris. Na França, tornou-se um ávido frequentador do estádio Parque dos Príncipes. Seu coração batia pelo Paris Saint-Germain. Em 1986, aos 24 anos, veio morar no Brasil e se apaixonou pelo Cruzeiro. O fascínio pelo jeito vibrante de torcer dos europeus fez com que Jean Marc tentasse imprimir uma cara nova à Máfia Azul. Tornou-se respeitado por todos. Foi um dos membros mais atuantes desde meados da década de 1980, ganhando a condição de líder máximo da maior organizada do Cruzeiro nos anos 2000. Após a sua gestão, afastou-se da Máfia Azul.

Atualmente, Daniel Gomes Sales<sup>5</sup>, ou Quik, é o atual mandatário da organizada. Mineiro de Belo Horizonte, foi criado na região do Cabana do Pai Tomás<sup>6</sup>. Desde criança, o

---

<sup>3</sup> Além de nos confirmar essa informação na entrevista, Eder Toscanini fez um *post* sobre a fundação da Máfia Azul na página do Facebook da torcida. Disponível em: <https://www.facebook.com/MafiaAzulRevolucao/posts/1356941577715472:0> Acesso em: 25 de fev. de 2018.

<sup>4</sup> O pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda escreveu um perfil de Jean Marc Gougeuil para a revista *Cult* em 2015. Disponível em: <https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2015/01/27/o-chefe-da-mafia-breve-historia-de-um-frances-em-minas-gerais/> Acesso em: 23 de fev. de 2018.

<sup>5</sup> Daniel Sales concedeu entrevista a um canal do *Youtube* e contou a sua trajetória de vida até chegar à Máfia Azul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0snRIwveds0&t=563s> Acesso em: 28 de fev. de 2018.

<sup>6</sup> A Cabana do Pai Tomás é uma favela da zona Oeste de Belo Horizonte que surgiu no início da década de 1960, coincidindo com o surto de industrialização da região metropolitana da capital mineira. Atualmente, o aglomerado enfrenta problemas de violência, transporte público e saúde. Disponível em: [http://portalpbh-hm.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&tax=17484&lang=pt\\_BR&pg=5580&taxp=0&&idConteudo=44410&chPlc=44410](http://portalpbh-hm.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&tax=17484&lang=pt_BR&pg=5580&taxp=0&&idConteudo=44410&chPlc=44410) Acesso em: 15 de fev. de 2018.

Mineirão era destino certo nas tardes de domingo. Aproveitava a lei da gratuidade para crianças menores de 12 anos para assistir aos jogos. Foi no estádio que conheceu a Máfia Azul. Encantou-se pela festa da organizada e se associou em meados da década de 1990. Hoje, participa ativamente da administração da Máfia. Pela função importante que executa, recebe ordenado mensalmente. Segundo relato, está presente em todas as caravanas da organizada, viajando para as cidades em que o Cruzeiro atua.

### **Metodologia e conceitos**

O perfil reflexivo-metodológico adotado para analisar o corpus será a Análise do Discurso, mais especificamente a Teoria Semiolinguística, trabalhada pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau (1983) que observa o discurso de forma multidimensional, resultante da interação da dimensão linguística e de certos fenômenos psicológicos e sociais. Como se trata de uma teoria ampla, mas flexível, que permite recortes e aplicação de acordo com o corpus trabalhado, vamos utilizar dois operadores analíticos articulados por Charaudeau: efeitos patêmicos e imaginários sociodiscursivos. Para complementar análise, os subjetivemas, por Kerbrat-Orecchioni, serão acrescentados, uma vez que a Teoria Semiolinguística dialoga e absorve conceitos de outros autores.

Os imaginários sociodiscursivos são uma representação da realidade, imagens que interpretam os acontecimentos da vida, transformando-os em um universo de significações, de acordo com Charaudeau (2007). Assim, os imaginários dão sentido ao mundo como conhecemos. Eles são resultado da atividade de pensamento que se propõem a explicar os fenômenos e comportamentos levando em conta elementos racionais e afetivos. A construção dos imaginários está ligada a dois tipos de saberes:

1 - saberes de conhecimento, que buscam uma verdade fora da subjetividade do sujeito. Eles podem ser do tipo científico (explicações do mundo que se baseiam nos procedimentos de observação, experimento e cálculo) ou de experiência (o conhecimento é construído a partir da experiência pessoal, mas sem nenhuma garantia de comprovação científica);

2 – saberes de crença, que estabelecem um conhecimento do mundo construído a partir de avaliações, apreciações e julgamentos dos sujeitos. Eles se distinguem entre saberes de revelação (verdade exterior ao sujeito que exige um movimento de adesão total. A justificativa desse tipo de conhecimento está em textos sagrados ou de referência absoluta que testemunhem essa verdade) ou saberes de opinião (nasce da tomada de posição dos sujeitos sobre os fatos do mundo. Os julgamentos ocorrem pela lógica do necessário, do provável, do verossímil, etc).

Outra categoria de análise, os efeitos patêmicos foram escolhidos para compor o arcabouço teórico porque as torcidas organizadas são reconhecidas pela passionalidade que carregam. Então, tentar compreender as emoções presentes no discurso da Máfia Azul se faz necessário para, posteriormente, se chegar ao ethos.

Na perspectiva discursiva, como proposto por Charaudeau (2010), as emoções serão identificadas como quaisquer aspectos linguístico-discursivos capaz de desencadear no interlocutor algum tipo de reação afetiva. O pesquisador francês recupera a noção aristotélica da retórica dos efeitos, que se consiste em uma tentativa de despertar paixões que façam com que o auditório compartilhe o ponto de vista do orador. Os efeitos patêmicos, segundo Charaudeau (2010), podem ser obtidos por três formas:

1 - explícita e direta - emprega palavras que remetem a um universo emocional (“raiva”, “angústia”, “horror”, “indignação”);

2 - implícita e indireta - palavras aparentemente neutras do ponto de vista da emoção (“assassinato”, “conspiração”, “vítimas”, “manifestação”, “assassino”), que são susceptíveis de nos levar a um universo patêmico;

3 - enunciados que não comportam palavras patemísantes e que, no entanto, são susceptíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos conhecimento da situação de enunciação.

O terceiro operacionalizador serão os subjetivemas, estudado conforme Kerbrat-Orecchioni (1997). Este conceito é conhecido como uma das formas de se chegar às marcas dos sujeitos no discurso, cujas funções são indicar avaliações e julgamentos. Segundo a autora, o sujeito utiliza unidades semânticas e lexicais se apresentando de forma objetiva (resulta de um esforço para se ‘ocultar’) e subjetiva (demonstrando avaliações). São quatro os tipos de subjetivemas (os axiológicos, os não-axiológicos, os afetivos e os modalizadores). Trabalharemos com dois deles:

1 - axiológicos: são, de modo geral, adjetivos ou substantivos ligados a um ato de descrição e avaliação do objeto descrito (apreciativo/depreciativo). Os julgamentos do sujeito dependem dos contextos dos usos das palavras, das intenções do falante, das tendências ideológicas. Além do mais, segundo a autora, qualquer termo neutro da língua pode adquirir um traço axiológico dependendo da situação de comunicação.

2 - afetivos: são adjetivos que determinam uma propriedade do objeto e uma reação emocional. Alguns exemplos são as palavras: alegre, triste e patético.

Kerbrat-Orecchioni (1997) ressalta que, além dessa subjetividade mais marcada elencada acima, também há uma interpretativa, porque, ao escolher uma determinada palavra e não outra, o sujeito estará enfatizando uma faceta do objeto e, ao mesmo tempo, escondendo outras.

Na junção dessas três categorias de análise (imaginários sociodiscursivos, efeitos patêmicos e subjetivemas), chegaremos ao ethos discursivo, termo esse que designa a releitura de um conceito aristotélico, recuperado e ampliado pela Análise do Discurso. Em todo e qualquer enunciação, o sujeito projeta imagens de si que auxiliam na tentativa de convencimento do interlocutor. Apresentaremos este conceito baseado nos estudos de Dominique Maingueneau (2008).

Segundo o autor citado, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, considerando-se também a concepção pré-discursiva. Maingueneau (2008) trabalha com o ethos de forma encarnada, recobrindo não apenas o verbal, mas determinações físicas (corporalidade) e psíquicas (caráter) ligadas ao fiador por meio de estereótipos.

Para uma compreensão global do ethos discursivo, Maingueneau (2008) fez um esquema de visualização das instâncias. Fazem parte desse arranjo:

(i) – o ethos pré-discursivo (posição extradiscursiva);

(ii) – o ethos discursivo (dividido entre ethos dito e ethos mostrado);

(iii) – os estereótipos sociais ligados aos mundos éticos (a imagem discursiva é ancorada em estereótipos, representações sociais de determinada cultura, que determinam, de forma superficial, a apresentação de si).

### **Análise discursiva sobre a temática da violência**

A análise foi dividida em duas partes: inicialmente, será feita uma busca pelas categorias analíticas (imaginários, efeitos patêmicos e subjetivemas) em cada um dos eixos temáticos; depois, já com a captura dos elementos citados, demonstraremos como as imagens de si no discurso são projetadas pelos torcedores organizados, levando em conta a narrativa da experiência de vida destes torcedores organizados.

Segundo os sociólogos ingleses Elias e Dunning (1992), autores influentes na Sociologia do Esporte, o contexto do jogo de futebol aparece como local propício para excitação de embates, uma área masculina reservada na qual o homem manifesta suas emoções, muitas delas violentas.

A violência, então, aparece como principal meio de afirmação da masculinidade entre os torcedores organizados. “Mostrar-se mais forte, mais valente, mais macho e mais brigão é uma característica marcante dos membros das torcidas organizadas” (MONTEIRO, p. 110). Assim, parte dos organizados age agressivamente no sentido de adquirir respeito e poder sobre outros torcedores.

Muito em função disso, o envolvimento dos torcedores organizados em atos de agressão é recorrente no Brasil. De acordo com Murad (2017), o país está entre os primeiros em relação ao número de mortes de torcedores de futebol. Segundo o estudioso, contudo, apenas uma minoria dos organizados é considerada violenta – entre 5% e 7%.

Analisaremos a seguir o discurso do fundador Eder Toscanini:



*Depoimento de Eder Toscanini*

**Pergunta:** Como você viu a violência no futebol entre as torcidas?

**Resposta de Eder Toscanini:** *São três etapas, na minha opinião. Antes dos anos 1980, de 1987 pra cá [quis dizer antes de 1987], as brigas resumiam apenas em coisa verbal. Chamar o atleticano de cachorro, eles nos chamavam de refrigerado, vai para aquele lugar... era assim. De 1988 pra cá, de 88 até mais ou menos ali 2000, virou guerra. Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo. Hoje, de 2010 pra cá, se falar que tem muita violência, eu discordo, não tem muita violência como tinha antes. Hoje é mais tranquilo, muita mais tranquilo. Hoje a diretoria da Máfia Azul e da outra lá [se referia à Galoucura, organizada ligada ao Atlético] é mais tranquila, é mais amena. Não tem, pessoal visa mais torcer para o Cruzeiro. Tem briga? Tem, como teve há pouco tempo em Contagem, que quase matou o atleticano lá. Isso é uma vez ou outra. Dentro do estádio, não tem briga. Como não tinha dentro do estádio e na periferia tinha muita briga. Hoje não tem, é mais tranquilo. Dá pra segurar. Basta querer. Apesar de que hoje é mais difícil, porque antigamente polícia era polícia. Eu estou entrando do outro lado da história. Polícia antigamente era polícia. Hoje, não. Polícia não pode fazer quase nada. Se a polícia vai fazer alguma coisa chega um cara lá e diz que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Coisa que acho um absurdo. Eu acho um absurdo isso. Minha opinião. A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje.*

Por meio do saber de experiência, Eder Toscanini identifica os períodos históricos e a ocorrência dos tipos de violência nas torcidas organizadas em cada um deles. Como frequentou o Mineirão desde meados da década de 1970, Toscanini viveu *in loco* o passar dos anos no estádio, sendo um observador privilegiado de toda essa história. Segundo seu relato, o início era de agressões verbais: o atleticano era conhecido como cachorro, ou cachorrada, um dos xingamentos da época ligado à canalhice; os cruzeirenses eram os refrigerados, apelido homossexual que vigorava, e posteriormente, foi substituído por bicharada. Nos dias de hoje, prevalece a provocação Maria para denominar os torcedores do Cruzeiro. Portanto, ao decorrer dos anos, é notável a relação homofóbica criada pelo atleticano para caçoar os rivais celestes<sup>7</sup>. Está inscrito nesse tipo de apelido o imaginário do “homossexualismo como anormalidade”, numa tentativa de desumanizar e rebaixar moralmente o adversário. Segundo Bandeira (2010), nas arquibancadas, os homossexuais são considerados inferiores aos heterossexuais.

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar, no entanto, que cantos e provocações homofóbicas não são de exclusividade dos torcedores atleticanos. Caracterizam praticamente todas as grandes torcidas organizadas do Brasil, inclusive a Máfia Azul. Nos últimos anos, torcedores do Cruzeiro denominaram os atleticanos de “Frangas” e “Lurdinhas”, evidenciando essa lógica. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/2015/01/na-esportiva-cruzeirenses-respondem-outdoor-da-torcida-do-atletico-mg.html> Acesso em: 8 de jan. de 2018.

Toscanini denomina a segunda etapa de violência das organizadas como uma guerra. “Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo”, afirma. Há nesse trecho uma tentativa de causar um efeito patêmico de medo no interlocutor, comparando as brigas entre organizadas a um confronto bélico. Para além da metáfora criada e na tentativa de reforçar o imaginário de guerra, o fundador da Máfia Azul utiliza as construções “guerra mesmo” (duas vezes) e “matar mesmo”. A palavra “mesmo”, sinônimo de verdadeiramente, intensifica a relação entre guerra e briga de torcida. Socialmente, o imaginário de guerra está ligado a dor, perdas humanas, destruição, violência. Por meio dos subjetivemas, Toscanini leva o interlocutor para o universo de sentidos da guerra: “faca”, “revólver”, “fuzil”, “briga”, “matar”. Cria-se, assim, o imaginário de “torcedor organizado como violento”.

Para Toscanini, a violência no futebol diminuiu a partir de 2010. O torcedor usa por quatro vezes o adjetivo axiológico “tranquilo (a)” para tentar transmitir uma situação de normalidade, justificando sua posição: “Hoje é mais tranquilo, muita mais tranquilo. Hoje a diretoria da Máfia Azul e da outra lá é mais tranquila. (...) Hoje não tem, é mais tranquilo”.

No fim da resposta, o fundador da Máfia Azul aborda o tema da segurança pública. No discurso, sugere que a polícia aja com mais truculência como no passado, resgatando um imaginário de “polícia respeitada e temida”. Assim, mais uma vez, Toscanini usa um saber de experiência, pois como torcedor conviveu com a polícia de perto durante todo esse tempo.

No seguinte trecho (“Se a polícia vai fazer alguma coisa, chega um cara lá e diz que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo”), podemos interpretar que o “não pode fazer isso, não pode fazer aquilo” indica a aprovação de ações de violações de direitos, tema tão debatido atualmente na sociedade. Para demonstrar sua posição contrária aos limites impostos hoje ao trabalho das forças de segurança, Toscanini aciona o adjetivo axiológico “absurdo” (“Eu acho um absurdo isso. Minha opinião. A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje”). O fundador da Máfia Azul evoca, nesse momento, um efeito patêmico de indignação. Há tom de revolta no discurso com o fato de a Polícia Militar não poder agir como bem entender para deter os baderneiros das torcidas organizadas.

Nota-se, a partir dessa posição contida na enunciação, então, o imaginário dos direitos humanos como “regras para proteção de bandido”, uma interpretação que tenta combater uma série de garantias históricas da liberdade civil<sup>8</sup>. Por ressaltar essas características, o discurso de Toscanini pode ser classificado como reacionário<sup>9</sup>, que busca a redenção da sociedade em um passado idílico. Para o fundador da organizada, então, a violência relacionada ao futebol poderia ser menor se as forças de repressão não tivessem

---

<sup>8</sup> Os direitos humanos se afirmaram, em especial, depois da Segunda Guerra mundial com a Declaração Universal da Organização das Nações Unidas (ONU), que inspirou a constituição brasileira de 1988. A constituição da República Federativa do Brasil pode ser acessada no seguinte link. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 30 de jan. de 2018.

<sup>9</sup> No livro *“The shipwrecked mind: on political reaction”* (New York Review Books), o historiador Mark Lilla, da Columbia University, analisa as diferenças na construção identitária de alguns perfis de pensamento, como o conservador, o revolucionário e o reacionário, fazendo ligações com a política em alguns países.

tantas restrições, como era no passado.

A seguir, segue trecho do discurso de Jean Marc Gougeuil:

*Depoimento de Jean Marc Gougeuil*

**Pergunta:** Hoje a violência relacionada à torcida organizada é mal vista pela sociedade. O que você pensa a respeito?

**Resposta de Jean Marc:** *Eu vou nos números. No Brasil, morrem 60 mil pessoas assassinadas. 60 mil pessoas! Quantos torcedores morreram por conta de futebol? Vamos falar assim, por alto, 10, 15. Infelizmente, são números tristes porque morrer por futebol é um absurdo, um escândalo. Morrer assassinado porque um cara roubou o seu celular é um absurdo. Então, nós moramos em um país violento e, infelizmente, vão morrer pessoas de confronto de torcidas. Um país que, infelizmente, não ajuda a educar seu povo, vai ser sujeito a esse tipo de coisa.*

**Pergunta 2:** Foi a partir da violência que a Máfia Azul começou a ganhar notabilidade e destaque entre as torcidas organizadas no passado?

**Resposta de Jean Marc:** *Eu falo que a nossa época é uma época boa que, na verdade, não é a violência de hoje. A gente tinha assim algumas regras, entre aspas, que a gente assim brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada. Então, assim, não existia a vontade de matar o cara. Brigava, invadia, mas a gente recuava. Quando o cara estava no chão, ninguém tocava, não. Porque a gente não via no nosso conceito fazer alguma coisa. Caiu, acabou. Ninguém encosta no cara, não. Ninguém vai matar ninguém, não. A gente queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo. Esses covardes como a gente vê hoje, pra mim é pura covardia, infelizmente, isso aqui no Brasil que é um país violento, isso é pura covardia.*

Ao ser questionado sobre a violência das torcidas organizadas e da própria Máfia Azul no primeiro trecho, Jean Marc utiliza um saber de conhecimento para desenvolver seu raciocínio (“Eu vou nos números. No Brasil, morrem 60 mil pessoas assassinadas”). É uma tentativa de passar credibilidade, demonstrar, de forma objetiva, para além do sentimento de insegurança, que o Brasil é um país violento - violência essa refletida também no futebol. O raciocínio dele integra uma premissa pode ser verificada segundo dados estatísticos. Embora o torcedor não cite nenhum instituto de pesquisa, o dado é referendado pelo Atlas da Violência 2017 do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)<sup>10</sup>.

Paralelamente, há um efeito patêmico de indignação à violência no discurso, que pode ser notado quando ele utiliza o substantivo axiológico “escândalo” e o adjetivo

---

<sup>10</sup> Estudo realizado pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2015 e divulgado em junho de 2017. Mais informações podem ser encontradas no link a seguir, acessado no dia 26 de outubro de 2017. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253). Acesso em: 30 de jan. de 2018.

axiológico “absurdo”, demonstrando tristeza com esse cenário. Essa indignação pode atingir também o interlocutor, tendo em vista que a violência é uma das grandes preocupações do brasileiro, conforme pesquisa do Instituto Ibope<sup>11</sup>. Outro momento em que a emoção fica evidenciada ocorre quando o torcedor repete o dado de 60 mil homicídios, logo na primeira frase. Ele busca enfatizar os números dando um tom de dramaticidade. Observamos o imaginário da “banalidade da violência no Brasil” é destacado no momento em que cita morte até por roubo de celular, ressaltando o senso comum de que se mata por quase tudo.

A noção de identidade, tão peculiar em relatos de vida, pode ser notada nesse fragmento. Jean nasceu na Itália, mas se sente francês – o forte sotaque, logo nas primeiras palavras, já indica a cultura gaulesa que traz consigo. Por mais que ele tenha se mudado ainda na juventude para o Brasil, país no qual construiu sua família (ele é casado com uma brasileira e pai de uma menina também brasileira), estando totalmente integrado profissional (é professor em uma escola de idiomas) e socialmente (conquistou o respeito e foi o líder de uma das maiores torcidas organizadas do Brasil), mesmo com tudo isso, Jean ainda não se vê como um brasileiro e resalta seu estrangeirismo. O Brasil, para ele, ainda é um país do outro, um outro país, como indica a seguinte passagem: “Um país que, infelizmente, não ajuda a educar seu povo, vai ser sujeito a este tipo de coisa”. Na frase, Jean se coloca como alguém de fora (destaca-se: “um país”, não o nosso país, e “seu povo”, não a gente ou o nosso povo). A passagem ainda guarda o imaginário do Brasil como “país de forte desigualdade”, quando o torcedor pondera que a educação formal é privilégio de uma minoria e que a consequente exclusão social proveniente disso reflete, também auxiliada por outros fatores, na violência social. O tema da escolarização é um saber de experiência mobilizado por Jean Marc, que é professor e conhece a realidade das escolas no país.

No início do segundo trecho, há a reconstrução de uma parte da vida como ato ético, comum nessas reconstruções da vida por meio da narrativa. E Jean define como “época boa” o período em que os torcedores possuíam um código moral em relação aos atos de agressão:

- 1 - brigas não envolviam armas de fogo. Enfrentamentos com paus, pedras, socos e chutes;
- 2 - quando oponente estava no chão, a conduta era esperá-lo levantar;
- 3 - invadia o território do rival, mas havia um recuo natural;
- 4 - não havia uma intenção de brigar e matar rival/inimigo.

Nesta parte, Jean cria uma divisão entre o comportamento dos torcedores organizados do presente e do passado. No discurso, é possível entender que os atos de agressão no tempo pregresso são entendidos como respeitosos, pois seguiam as regras citadas.

---

<sup>11</sup> Pesquisas do Ibope mostraram que preocupação do brasileiro com violência dobrou em um ano. Disponível em: <http://www.valor.com.br/politica/5329425/ibope-mostrou-que-preocupacao-com-violencia-dobrou-em-um-ano>. Acesso em: 15 de fev. de 2018.

No trecho referido, o torcedor ainda evidencia a desaprovação ao recrudescimento da violência. O adjetivo axiológico “covardes”, que, no sentido adotado, significa “pessoa que exerce com crueldade o seu poder sobre outrem que não pode proteger-se ou revidar” (definição do dicionário Houaiss<sup>12</sup>), indica repulsa de Jean Marc de um novo tipo de violência, mais agressiva e pernicioso, entre torcedores organizados. Há, conjunto, um efeito patêmico de indignação.

Entretanto, este raciocínio guarda uma contradição, pois ele alimenta, na seguinte frase: “A gente queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo”, o imaginário de que “homens resolvem as coisas na mão”, uma característica típica dos saberes de crença pela opinião que apresentam escopo generalizante. O “mostrar quem é quem” está relacionado ao universo machista de que os homens demonstram quem são pela virilidade, imposição e violência, que também está relacionado ao imaginário do “organizado como violento”. Alguns axiológicos, casos de “brigava”, “tapa”, “pedrada”, “na mão”, ajudam a entender a posição de Jean Marc favorável aos atos de agressão no passado, buscando um efeito patêmico de medo no interlocutor. Há uma ligação do discurso de Jean Marc com a afirmação da masculinidade dos torcedores pesquisada por Monteiro (2003), uma vez que Francês encarna o “etos guerreiro” mencionado pelo pesquisador. O líder da Máfia Azul nos anos 2000 se mostra alguém que busca se impor pela força.

Por fim, o depoimento de Daniel Sales, que representa a geração atual da torcida Máfia Azul.

#### *Depoimento de Daniel Sales*

**Pergunta:** A imagem da torcida organizada muitas vezes aparece relacionada à violência. O que você pensa sobre isso?

**Resposta de Daniel Sales:** *A violência está em todo lugar. Estamos expostos a todo tipo de violência, em todos os sentidos. Temos violência não só no futebol, temos violência em show, no carnaval, e a torcida é mais um fator, né. A violência está no futebol também. Infelizmente, todo lugar tem violência. Mas nós, como torcida organizada, temos CNPJ, temos nossa sede, sempre temos reunião com Batalhão de Choque, reunião com Ministério Público, tudo que a torcida vai fazer, entidade grande como a Máfia Azul, que está há 40 anos em Minas Gerais, sendo a maior de Minas com 30 mil componentes, todo clássico, a gente tem reunião, passa o horário que a torcida vai sair, tudo é passado para a Polícia Militar, para o Ministério Público, a gente tenta ajudar da melhor forma possível todos os envolvidos no futebol. Então, no fato da violência, o que podemos fazer, temos que punir o infrator que pratica a violência, o CPF, o RG, não as entidades. A entidade está para acompanhar o clube e fazer a festa do futebol, que é o principal fator da organizada fazer a festa do futebol.*

**Pergunta 2:** Recentemente, o presidente de uma torcida organizada do

---

<sup>12</sup> A citação ao dicionário *Houaiss* se refere à sua versão digital. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>  
Acesso em: 3 de fev. de 2018.

Palmeiras morreu assassinado<sup>13</sup>. Você teme pela sua vida ou pela vida de alguém próximo a você?

**Resposta de Daniel Sales:** *A gente assusta sim com a violência que tem, a família preocupa. Mas eu posso dizer que, particularmente eu, nunca tive medo, sempre quis fazer o melhor para a torcida, melhor para o clube, sempre tento evitar, evitar que a minha família preocupe. Eu faço o melhor para a torcida, e o melhor para a torcida é sempre evitando a violência. Não vou te falar que torcida tem santo, torcida não tem santo, e ninguém é santo. O que eu posso te dizer é o seguinte: o que a gente puder fazer para evitar a violência nós vamos fazer, mas uma torcida igual a Máfia Azul, ninguém passa por cima da gente, ninguém vai passar por cima da Máfia Azul. O que a gente puder fazer para evitar a violência e fazer a festa nos estádios nós vamos fazer, mas jamais fazer apologia à violência, ir para cima de qualquer pessoa. Nós vamos preservar sempre nossos integrantes e preservar a entidade Máfia Azul e o Cruzeiro Esporte Clube. Nós não somos a favor da violência, mas ninguém passa por cima da Máfia Azul.*

Logo no início do primeiro enunciado, Daniel evoca o imaginário da “violência está por toda parte no Brasil”, uma generalização mobilizada por um saber de crença de opinião comum. Parte daí, uma explicação para os atos de agressão das torcidas organizadas. O uso lexical ajuda a comprovar essa ideia do torcedor: “violência está em todo lugar”, “não só no futebol”, “a torcida é só mais um fator”, “todo lugar tem violência”.

Nota-se, quando Daniel diz “estamos expostos a todo tipo de violência, em todos os sentidos”, podemos considerar não apenas as agressões físicas, mas também os diversos tipos de violência simbólica, como machismo, homofobia e outros preconceitos - inclusive o estigma contra as organizadas que reflete também contra os mais pobres nos estádios, conforme Lopes (2012) - de toda a ordem tão característicos a esse universo.

Na sequência, quando argumenta sobre o que é preciso ser feito, o torcedor observa a necessidade de punição, trazendo à tona o imaginário do Brasil como “país da impunidade”. Daniel defende a punição aos envolvidos nas práticas, isentando as organizadas. De fato, a grande maioria dos envolvidos em crimes ocorridos no futebol não termina na penitenciária cumprindo a pena prevista. Segundo Murad (2017), em 2015 e 2016, 97% das transgressões imputáveis ligadas de alguma forma ao futebol não sofreram sanções determinadas pela legislação.

O torcedor também sinaliza o imaginário de grandeza no momento que se auto afirma como integrante da maior torcida organizada de Minas Gerais – dado difícil de se comprovar, já que há outra torcida grande, a Galoucura, ligada ao Atlético, e não se encontra estatísticas atuais a respeito do número de integrantes das organizadas. Quando eleva a Máfia Azul a um panteão em que as outras não estão, concomitantemente Daniel também cria uma maior responsabilidade e importância ao cargo que ocupa, como relata ao informar

---

<sup>13</sup> Fundador da Mancha Verde, Moacir Bianchi foi assassinado com 22 tiros no dia 2 de março de 2017, em São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/fundador-da-mancha-verde-e-morto-na-zona-norte-de-sao-paulo-com-22-tiros.ghtml>. Acesso em: 10 de jan. de 2018.

os encontros com membros de instituições públicas de segurança.

No segundo trecho, é possível notar, por meio de outro saber de crença, o imaginário machista de que “homens não podem demonstrar fraquezas”, quando o torcedor diz não temer a violência. Por meio dos subjetivemas, contudo, é visível uma contradição no discurso, uma vez que os advérbios axiológicos “assusta” e “preocupa” reforçam uma sensação de ameaça do enunciador em relação à sua família.

Quanto à patemização, nota-se que o tom do discurso vai mudando, tornando-se mais firme e agressivo, tentando provocar medo no interlocutor, quando o atual mandatário da Máfia Azul assume que fará o que for preciso para “ninguém passar por cima da Máfia Azul”. Neste trecho, Daniel Sales explica que torcedor organizado não é santo, uma entidade sagrada do catolicismo, mobilizando o saber de crença de revelação, ligado ao sagrado. O imaginário de santo está relacionado ao “homem puro, caridoso, divino”, muito distante, segundo o próprio Daniel, do senso comum que circula sobre os torcedores organizados.

Daniel Sales acaba reafirmando, mesmo que implicitamente, o estereótipo de agressivo, ou pelo menos de pouco pacífico, dos torcedores organizados, em especial quando afirma por três vezes a frase “ninguém passa por cima da gente/Máfia Azul”, que soa como recado às torcidas organizadas adversárias ou a qualquer pessoa que seja um obstáculo à torcida. O tom ameaçador com que enuncia evidencia a tentativa de impor respeito e causar temor. Cria-se, assim, o imaginário do “torcedor organizado como violento”. Podemos observar também a lógica da masculinidade, conforme Monteiro (2003), do torcedor organizado como viril e destemido.

### As imagens de si no discurso sobre a violência

Cada um à sua forma, os torcedores organizados tentam minimizar a temática da violência no futebol. Jean Marc e Daniel Sales explicam as agressões tendo em vista o contexto violento brasileiro. Já Eder Toscanini entende que a Máfia Azul e as organizadas em geral eram muito mais perigosas no passado e que o presente é de relativa tranquilidade.

Os três criam *ethé* centrais de virilidade e agressividade - outras imagens de si também podem ser observadas. Embora os torcedores preguem uma saída pacífica, os próprios avalizam atos agressivos, validando o estereótipo da violência como uma faceta dos torcedores organizados.

Hoje líder da organizada, Daniel Sales se coloca como um protetor da Máfia Azul. Dois trechos que validam esses *ethé*: “Eu faço o melhor para minha torcida”; “ninguém passa por cima da gente, ninguém vai passar por cima da Máfia Azul”. Essa última enunciação indica, pelo implícito da situação de comunicação, que, se necessário, Sales impedirá por meio do uso da força que a torcida organizada seja prejudicada, reforçando também as imagens de viril e agressivo.

Já Jean Marc demonstra *ethé* de virilidade e agressividade quando admite que participara das brigas: “Brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada”. Mas era um violento ético, que não desrespeitava os princípios das brigas entre as torcidas organizadas (“A gente tinha assim algumas regras, entre aspas”). Apesar de colérico, Francês tenta emplacar uma imagem de piedoso nos confrontos, alguém que de certa forma estava preocupado com o inimigo (“não existia a vontade de matar o cara”; “... caiu, acabou. Ninguém encosta no cara, não”).

Por sua vez, Eder Toscanini se mostra um observador, alguém que analisa os fatos de certa distância, criando, inclusive, uma classificação dos períodos de violência e explicando as mudanças para o trabalho da Polícia Militar. Podemos considerar o *ethos* de viril e agressivo em Toscanini, pois o fundador da Máfia Azul esteve presente em quase todos os momentos da história da organizada e participou de toda essa “guerra” narrada por ele. No seguinte trecho, descreve com riqueza de detalhes como eram as brigas, reafirmando uma imagem de agressividade: “Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo”. O fundador da Máfia Azul também se mostrou favorável a uma ação mais truculenta da Polícia Militar em seu discurso (“A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje”), demonstrando imagem de violento.

### Considerações finais

Através do discurso, os seres a todo tempo dizem “que somos isso, e não aquilo”, como bem cunhou Barthes, citado por Amossy (2005). Pois este é o ‘espírito’ do *ethos*. Apesar das diferenças de gerações entre os três torcedores organizados entrevistados, há uma convergência de pontos de vista em relação à temática abordada. Também foi possível notar que Eder Toscanini, Jean Marc e Daniel Sales possuem *ethé* em comum, inclusive, confirmando alguns estereótipos sociais ligados aos organizados. Embora defendam a paz no futebol, os organizados aprovam ou descrevem atos violentos, criando *ethos* de virilidade e agressividade.

Pela análise, foi possível notar como os efeitos patêmicos, os subjetivemas e os imaginários sociais contribuíram na formação de imagens. Pela patemização, percebemos uma intenção, em alguns momentos, de provocar medo no interlocutor, demonstrando agressividade no discurso.

Já os axiológicos auxiliaram, pois denunciam a posição dos torcedores. Selecionamos alguns que dialogam com o *ethos* que prevaleceu: “guerra”, “faca”, “revólver”, “fuzil”, “briga”, “matar”, “brigava”, “invadia”, “na mão”, “no tapa”, “torcida não tem santo”, “ninguém vai passar por cima da gente”, “ninguém passa por cima da Máfia Azul”.

Em relação aos imaginários sociodiscursivos, observamos que os três torcedores organizados fazem uso da representação de “torcedores organizados como violentos”, reafirmando esse estigma. Alguns imaginários machistas também foram encontrados: “homens resolvem as coisas nas mãos” e “homens não podem demonstrar franquezas”.



Dentre as particularidades que chamaram atenção, Eder Toscanini evoca o imaginário de “direitos humanos como proteção para bandidos”; Daniel Sales traz a ideia de “Brasil como país da impunidade” e Jean Marc, do “país de forte desigualdade”. São indícios de como os três observam a sociedade brasileira para além do futebol.

Por fim, por meio da análise deste corpus, podemos observar os imaginários, as marcas discursivas, as crenças e os valores que atravessam o ato de fala de três gerações de líderes da torcida Máfia Azul. Esta é uma pequena contribuição, que abrange três torcedores de gerações diferentes, que, de certa forma, representam a visão de mundo de muitos organizados do passado e do presente.

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 04 jun. 2018.

## Referências

AMOSSY, Ruth. (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 209. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours*. Paris, Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2010, vol. 2, p. 23-56.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux*. In: Boyer H. (dir.) *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa, DIFEL, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciación – de la subjetividad em el lenguaje*. Buenos Aires: Edicial S.A., 1997.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 192f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/KfyqE5>. Acesso em: 26 out. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Cidades*, v. 10, n. 17, p.142-70, 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238>. Acesso em: 08 fev. 2017.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MURAD, Mauricio. *A violência no futebol*. São Paulo: Benvirá, 2017.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção de novas relações sociais*. Taubaté: Vogal, 1997.

PRAÇA, Gibson Moreira; SILVA, Sílvia Ricardo da. As torcidas organizadas de Belo Horizonte e suas manifestações. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 21., 2009, São José, SC. Anais... São José, SC, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/rxZ5js>. Acesso em: 26 out. 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados: Anpocs, 1996.